



INDICADORES DE COMPETITIVIDADE-CUSTO

INDICADORES ECONÔMICOS CNI



Confederação Nacional da Indústria
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

Custo na indústria cai e país ganha competitividade

Em 2018, o custo unitário do trabalho (CUT) na indústria brasileira caiu 9,5%, na comparação com o CUT médio nos principais parceiros comerciais do país, segundo o indicador custo unitário do trabalho efetivo (CUT efetivo), medido em dólar real.

A queda apresentada pelo indicador, em 2018, mais que compensou a perda de competitividade registrada pelo Brasil, entre 2015 e 2017, período em que o CUT efetivo aumentou 9,0%.

Apenas a Argentina, entre os 10 principais parceiros comerciais do país, apresentou um desempenho superior ao brasileiro. Na Argentina, o custo unitário do trabalho caiu 27,1%, enquanto no Brasil caiu 16,1%.

No Brasil, os três componentes do CUT contribuíram para o aumento da competitividade, ou seja, para a redução do indicador. Os destaques foram a queda dos salários reais na indústria (-6,6%) e a depreciação da moeda brasileira (10,5%). A produtividade do trabalho contribuiu em menor intensidade, aumento de 0,8%.

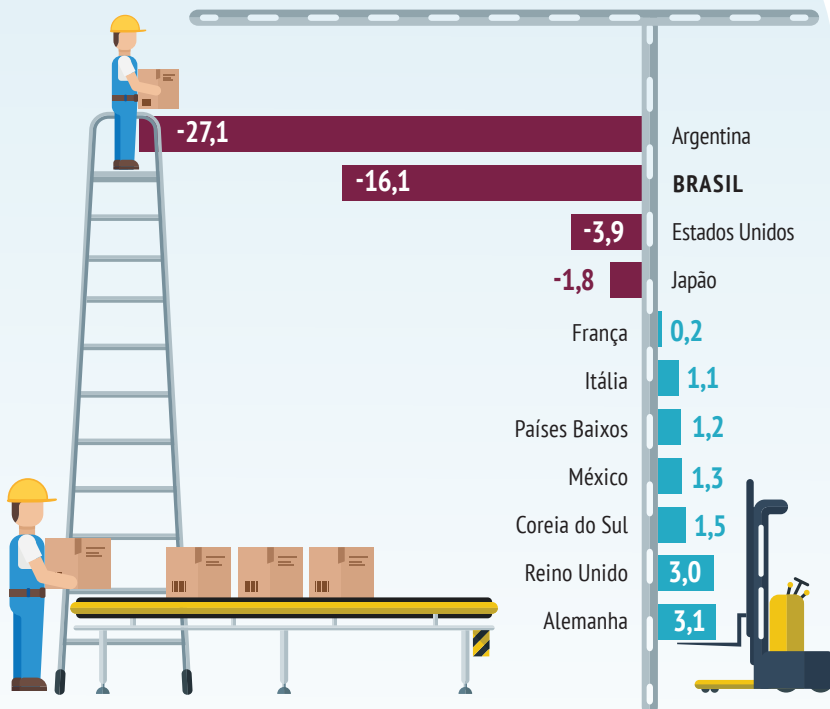
Apesar de ficar à frente do Brasil, a Argentina registrou queda na produtividade (-3,6%). No país vizinho, a redução do CUT foi determinada pela queda do salário real (-6,9%) e, sobretudo, pela depreciação do peso argentino (32,5%).

Nos últimos 10 anos, o CUT efetivo acumulou queda de 5,1%, apesar de o Brasil registrar o terceiro maior aumento do salário médio real no período (37,5%), crescimento acima do aumento da produtividade (11,7%). Na comparação com a média dos parceiros, o país registrou aumento de 14,3% do salário médio real efetivo.

O efeito negativo dos salários sobre a competitividade foi compensado pela depreciação da moeda brasileira: 14,4% frente à cesta de moedas dos parceiros comerciais. Desse modo, o aumento de 3,0% da produtividade do trabalho foi decisivo para a queda do CUT efetivo, ou seja, para o aumento da competitividade da Indústria Brasileira.

Custo Unitário do Trabalho em dólar real

Indústria de transformação, variação entre 2017 e 2018





Custo unitário do trabalho no Brasil só não cai em relação à Argentina

Em 2018, o Custo Unitário do Trabalho efetivo em dólar real (CUT efetivo) caiu 9,5% na indústria de transformação brasileira. O indicador mede como evoluiu o CUT da indústria brasileira relativamente à média do CUT das indústrias de seus principais parceiros comerciais¹. O CUT efetivo voltou a cair, após registrar alta por dois anos consecutivos. A queda mais que compensou a alta registrada entre 2015 e 2017: 9,0%.

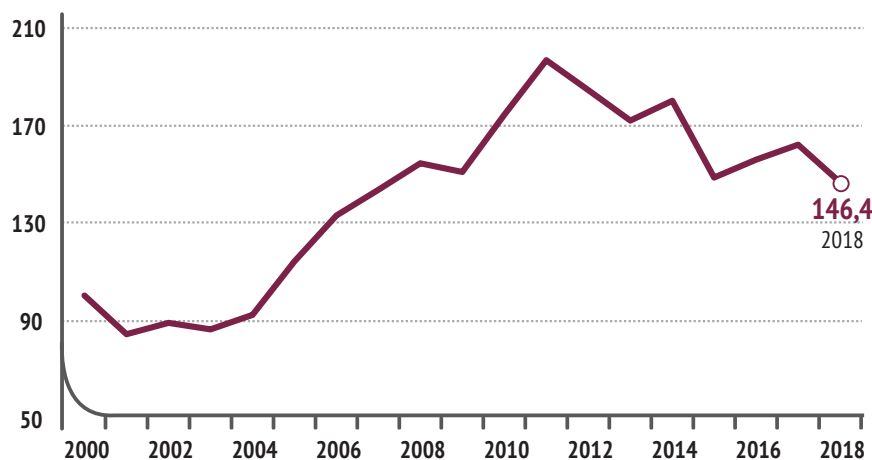
Considerando como evoluiu o CUT da indústria brasileira comparativamente a um determinado parceiro comercial – o chamado CUT relativo –, verifica-se que o indicador do Brasil, em 2018, só não caiu na comparação com a Argentina. No

país vizinho, o CUT em dólar real caiu 27,1%, enquanto no Brasil caiu 16,1%. Como a queda registrada pelo Brasil foi menor, o CUT do Brasil relativamente ao da Argentina cresceu 15,2%.

Ainda na comparação entre 2017 e 2018, o CUT em dólar real de todos os demais parceiros ou caiu menos que o indicador brasileiro (cuja queda foi de 16,1%) ou cresceu. Com isso, o CUT do Brasil relativamente a qualquer parceiro (à exceção da Argentina) caiu. A queda foi de pelo menos 12,7%, obtida na comparação com os Estados Unidos. As maiores quedas foram registradas em relação à Alemanha e ao Reino Unido (queda de 18,6% na comparação com ambos os países).

Custo unitário do trabalho efetivo

Indústria de transformação
Índice, 2000=100



Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas de BLS; Banco Central de la República Argentina; BCB; DGEyC; FUNCEX; FGV/IBRE; IBGE; INDEC; INEGI; Kosis; Macrodados; Ministry of Economy, Trade and Industry; Ministry of Employment and Labor; Ministry of Health, Labor and Welfare; OECD; The Conference Board e da CNI.

É possível verificar qual o principal determinante da evolução do CUT efetivo, por meio de sua decomposição em: produtividade do trabalho efetiva, salário médio real efetivo e taxa de câmbio real efetiva (TCRE). O CUT efetivo cai com o aumento da produtividade do trabalho efetiva, com a queda do salário médio real efetivo e com a depreciação do real (indicada por uma queda da TCRE).

Em 2018, os três componentes do CUT efetivo contribuíram para a queda de 9,5%, ou seja, para o aumento da competitividade do país. A menor contribuição é dada pela produtividade do trabalho. O indicador cresceu apenas 0,8%, na comparação com 2017, ainda assim, acima da taxa registrada pela maioria dos principais parceiros comerciais.

¹ Estados Unidos, Argentina, Alemanha, México, Japão, França, Itália, Coreia do Sul, Países Baixos e Reino Unido. A China não é incluída na análise por falta de dados.

O desempenho do Brasil foi similar aos do Japão e da Itália, que apresentaram crescimentos de 0,7% e 0,6%, respectivamente. A Coreia do Sul apresentou o maior crescimento da produtividade (3,4%). Também ficaram à frente do Brasil: França, Países Baixos e Estados Unidos. Na comparação com a média das produtividades dos parceiros comerciais, o Brasil registrou aumento de 1,1% da produtividade efetiva.

O salário médio real efetivo – o que compara o desempenho do Brasil com a média dos parceiros comerciais – caiu 4,2%, entre 2017 e 2018. O Brasil e a Argentina apresentaram as maiores quedas do salário médio real: 6,6% e 6,9%, respectivamente. A Coreia do Sul foi o único parceiro a registrar crescimento do salário médio real no período (4,5%). Em todos os demais parceiros, o salário médio real caiu. As quedas foram menos acentuadas que as verificadas para o Brasil e a Argentina (variaram entre -2,8% e -0,1%). Com isso, o salário médio real do Brasil só cresceu relativamente ao da Argentina (0,5%). E a maior queda foi apurada em relação à Coreia do Sul (-10,6%).

A moeda brasileira depreciou-se, em termos reais, 4,4% frente à cesta de moedas dos principais parceiros comerciais, praticamente a mesma contribuição dada pelo salário médio real para a queda do CUT efetivo em dólar real. Em comparação com os parceiros comerciais, a moeda brasileira só se apreciou (perda de competitividade) em relação à Argentina (20%). As maiores depreciações foram registradas na comparação com o Reino Unido (-12,4%), os Países Baixos (-11,9%) e a França (-11,8%).

Nos últimos 10 anos (2008-2018), a indústria brasileira tornou-se mais competitiva, como ilustrado pela queda de 5,1% do CUT efetivo. O CUT efetivo do Brasil caiu, apesar de o Brasil registrar aumento do CUT na comparação com a maioria dos parceiros comerciais. Os maiores aumentos são registrados relativamente à França (22,8%) e à Itália (20,8%). O Brasil registrou queda no CUT apenas na comparação com a Coreia do Sul (-25,1%), com a Argentina (-24,4%), com os Estados Unidos (-10,2%) e em menor grau com o Japão (-0,1%). A queda do CUT efetivo reflete o importante peso que a Argentina e os Estados

CUT efetivo e seus componentes, Indústria de transformação

Varição acumulada (%)

ANO	Salário médio real efetivo	Produtividade do trabalho efetiva	Taxa de câmbio real efetiva ¹	CUT efetivo
2008	-3,0	-3,9	6,6	7,6
2009	1,8	4,3	0,1	-2,3
2010	-1,6	-4,2	12,5	15,5
2011	6,0	-4,7	1,4	12,8
2012	3,8	-0,1	-9,8	-6,3
2013	0,3	2,6	-4,6	-6,8
2014	4,6	-1,3	-1,1	4,7
2015	1,5	0,0	-18,7	-17,5
2016	-0,5	2,3	7,8	4,9
2017	2,1	3,2	5,0	3,9
2018	-4,3	1,1	-4,4	-9,5
VARIÇÃO NA ÚLTIMA DÉCADA				
2008-2018	14,3	3,0	-14,4	-5,1
2008-2013	10,5	-2,3	-1,6	11,3
2013-2018	3,4	5,4	-13,0	-14,7

Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas de BLS; Banco Central de la República Argentina; BCB; DGEyC; FUNCEX; FGV/IBRE; IBGE; INDEC; INEGI; Kosis; Macrodados; Ministry of Economy, Trade and Industry; Ministry of Employment and Labor; Ministry of Health, Labor and Welfare; OECD; The Conference Board e da CNI.

¹ A taxa de câmbio real efetiva é a relação entre a cesta de 10 moedas e a moeda brasileira. Um aumento do índice da taxa de câmbio indica apreciação cambial.

Unidos têm na corrente de comércio brasileira (soma das exportações com as importações). As participações de cada parceiro na corrente de comércio do país são usadas como ponderadores para se obter o CUT efetivo, que é a média ponderada dos custos unitários do trabalho bilaterais, entre o Brasil e seus principais parceiros comerciais.

O CUT efetivo do Brasil caiu, ou seja, o país ganhou competitividade, na última década, mesmo com o terceiro maior aumento do salário médio real entre os 10 parceiros: 37,5%, crescimento acima do aumento da produtividade (11,7%). Apenas os ganhos salariais observados na Argentina (53,6%) e na Coreia do Sul (53,2%) superaram o do Brasil. O México foi o único país a registrar queda do salário médio real (-5,0%). Dessa forma, o salário médio real efetivo – o que compara o salário médio real na indústria brasileira com a média dos salários nas indústrias dos parceiros comerciais – cresceu 14,3%. Os maiores aumentos foram registrados na comparação com o México

(44,8%), o Reino Unido (28,1%), os Estados Unidos (27,0%) e o Japão (26,3%).

O efeito negativo do salário médio real sobre a competitividade do país foi compensado pela depreciação da moeda brasileira. Entre 2008 e 2018, o real depreciou-se, em termos reais, 14,4% frente à cesta de moedas dos parceiros comerciais – mesma taxa de crescimento observada para o salário médio real efetivo (14,3%). Desse modo, o aumento de 3,0% da produtividade do trabalho efetiva foi decisivo para a queda apresentada pelo CUT efetivo. A produtividade do trabalho no Brasil cresceu, principalmente, na comparação com o Japão (16,1%) e o México (11,9%).

Em 2019, o CUT efetivo deve manter o movimento de queda, ou seja, a competitividade deve continuar a crescer. Os salários continuam em queda e a taxa de câmbio real mantém a tendência de depreciação. No entanto, a produtividade do trabalho tem perdido força, o que preocupa, pois é um fator importante para o crescimento sustentado da economia brasileira.

CUT relativo e seus componentes, Brasil em relação a principais parceiros comerciais

Variação acumulada (%)

PAÍS	2008-2018				2017-2018			
	Salário médio real relativo	Produtividade do trabalho relativa	Taxa de câmbio real ¹	CUT relativo	Salário médio real relativo	Produtividade do trabalho relativa	Taxa de câmbio real ¹	CUT relativo
Brasil-Estados Unidos	27,0	4,0	-26,4	-10,2	-3,9	-0,4	-9,5	-12,7
Brasil-Argentina	-10,5	7,6	-9,0	-24,4	0,5	4,6	20,0	15,2
Brasil-Alemanha	17,5	-4,5	-4,8	17,1	-6,4	1,9	-11,4	-18,6
Brasil-México	44,8	11,9	-12,9	12,6	-5,9	3,0	-9,3	-17,1
Brasil-Japão	26,3	16,1	-8,3	-0,1	-6,5	0,1	-8,6	-14,5
Brasil-França	7,3	-11,9	0,7	22,8	-6,5	-1,4	-11,8	-16,3
Brasil-Itália	18,5	-4,9	-3,0	20,8	-6,2	0,2	-11,3	-17,0
Brasil-Coreia do Sul	-10,2	-3,0	-19,1	-25,1	-10,5	-2,5	-9,9	-17,4
Brasil-Países Baixos	20,1	-3,6	-4,0	19,6	-6,3	-0,4	-11,9	-17,1
Brasil-Reino Unido	28,1	6,5	-3,2	16,5	-6,1	1,0	-12,4	-18,6

Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas de BLS; Banco Central de la República Argentina; BCB; DGEyC; FUNCEX; FGV/IBRE; IBGE; INDEC; INEGI; Kosis; Macrodados; Ministry of Economy, Trade and Industry; Ministry of Employment and Labor; Ministry of Health, Labor and Welfare; OECD; The Conference Board e da CNI.

¹ A taxa de câmbio real é a relação entre a moeda local do país e a moeda brasileira. Um aumento do índice da taxa de câmbio indica apreciação cambial.



CUT e seus componentes, Indústria de transformação brasileira

Variação acumulada (%)

Ano	Salário médio real ¹	Produtividade (Produto por horas trabalhadas)	CUT real em moeda doméstica	Taxa de câmbio real ²	CUT em dólar real
2009	11,0	0,8	10,2	3,4	6,6
2010	-0,3	2,1	-2,3	-10,9	9,6
2011	6,1	-0,8	6,9	-2,4	9,5
2012	7,4	-0,5	8,0	13,6	-4,9
2013	2,3	2,7	-0,3	4,6	-4,7
2014	5,0	-0,3	5,3	3,7	1,5
2015	6,9	0,3	6,5	25,6	-15,2
2016	0,2	1,7	-1,5	-4,9	3,6
2017	1,4	4,5	-2,9	-7,0	4,4
2018	-6,6	0,8	-7,3	10,5	-16,1
VARIAÇÃO NA ÚLTIMA DÉCADA					
2008-2018	37,5	11,7	23,1	35,9	-9,4
2008-2013	29,1	4,2	23,8	6,9	15,9
2013-2018	6,5	7,2	-0,6	27,2	-21,8

Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas do BLS, BCB, FGV/IBRE, IBGE e da CNI.

¹ O salário médio do Brasil é deflacionado pelo IPA-DI da FGV, um índice de preço ao produtor. Para a empresa, o que importa no enfoque competitividade-custo é quanto o salário varia em relação ao preço recebido pelo produtor doméstico ao vender sua produção.

² A taxa de câmbio real é a relação entre a moeda brasileira e o dólar estadunidense, deflacionados pelos respectivos preços ao produtor da indústria de transformação (IPA-FGV e PPI-BLS). Um aumento do índice da taxa de câmbio indica depreciação cambial.



Veja mais

Mais informações sobre a pesquisa em:
www.cni.com.br/competitividadecusto